



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 e 04 de junho de 2023

Notícias do Dia

Capa e Perfil

“Reflexões sobre a educação”

Reflexões sobre a educação / Nereu do Vale Pereira / Professor / Faculdade de Ciências Econômicas / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

LEO MUNHOZ/ND



Nereu
fala sobre
dificuldades,
superação,
Ribeirão da
Ilha, Açores
e livros

ENTREVISTA

Guardião da história de Florianópolis

Perto de completar 95 anos de idade,
o economista, historiador e doutor
em sociologia Nereu do Vale Pereira
publicou 26 livros . **PÁGINAS 4 E 5**

Testemunha da história e das transformações de Florianópolis

Paulo Clóvis Schmitz
Especial para o ND

Prestes a completar 95 anos, o historiador manezinho Nereu do Vale Pereira considera que já escreveu tudo o que devia e reduziu suas atividades corriqueiras, como ler e visitar o EcoMuseu do Ribeirão da Ilha, que criou e administrou por muitos anos, em vista de limitações físicas que vieram com a idade.

Ele foi vereador (1959-1963) e deputado estadual (1963-1967) e ostenta um vasto currículo que inclui a participação como relator na elaboração do primeiro Plano Diretor de Florianópolis, em 1955, e em inúmeros estudos visando ao desenvolvimento econômico da cidade. Passou três décadas consertando eletrodomésticos antes de se tornar professor universitário e exercer outras funções públicas.

De 1979 para cá, foi 22 vezes aos Açores, e em 2017 fez uma viagem com todos os integrantes da família para as nove ilhas do arquipélago, levando até um bisneto de dois anos. Também presidiu o Avaí, recebeu muitas medalhas e condecorações, é sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e membro de dezenas de instituições históricas e culturais.

Economista, historiador e doutor em sociologia, publicou 26 livros, entre eles "Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina", "Origem e raízes do boi-de-mamão catarinense", "O sentimental e o folclórico pão-por-Deus", "As festas do Divino Espírito Santo - Origens", "A arte da baleeira" e "Santa Catarina - A Ilha 500 anos". Considera "Descortinando as 100 belas praias de Florianópolis" a sua principal obra.



Em seu apartamento no Centro da Capital, o manezinho Nereu do Vale Pereira recorda trajetória que o tornou uma espécie de guardião da história da cidade, resguardada por ele em 26 livros e em amplo acervo

O senhor escreveu muitos livros sobre a história de Florianópolis e acompanhou a transformação da cidade, que está fazendo 350 anos.

Como e quando começou esse amor pelas coisas da Ilha de Santa Catarina?

Com seis ou sete anos já comecei a me preocupar com as coisas da cidade, e desde então evitei citar seu nome, porque ele faz referência a Floriano Peixoto, o homem que fuzilou na ilha de Anhatomirim, em 1894, os líderes catarinenses que se revoltaram contra o governo da República. Meu livro "Açorianópolis" nasceu em função disso, propondo a troca da denominação da cidade em homenagem aos colonizadores açorianos.

Desde muito jovem fui trabalhador autônomo. Depois professor, vereador e deputado, e também ajudei a levar energia elétrica para localidades que não tinham esse serviço. Há 60 ou 70 anos, as pessoas se abasteciam em bicas d'água e, à noite, a luz ia

sumindo pela incapacidade do sistema de cobrir o consumo crescente que decorria do aumento da população.

Sua biografia inclui diferentes atividades, entre elas a de técnico em manutenção de aparelhos elétricos. Como entrou nesse ramo?

Estudei na antiga Escola Industrial e aprendi a fazer baterias para minha casa, justamente porque a cidade era mal servida de energia elétrica. Montei uma oficina para o conserto de rádios, o meio de comunicação mais usado naquele tempo, e também de geladeiras (ainda a querosene) e outros aparelhos elétricos. Fui autodidata em várias funções que executei. Até pandorgas fiz para vender, porque na época não havia a mesada da família e era preciso arranjar o próprio dinheiro. Cheguei a instalar um projetor de cinema (movido à mão) e cobrava ingresso dos vizinhos que queriam ver os filmes.

Tive uma vida de dificuldades, mas fui superando tudo e aos 17 anos já tinha minha autonomia financeira. Durante 30 anos, consertar aparelhos de famílias importantes foi o meu ganha-pão. Depois, me tornei técnico em contabilidade, aproveitando, como trabalhador do segmento do comércio, as bolsas de estudo do Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) para aprender outros ofícios. Hoje, como professor aposentado, não ganho a metade do que ganhava naqueles anos.

O senhor casou cedo e teve uma prole numerosa. Na época, isso ainda era possível...

Casei aos 20 anos, mas continuei me aperfeiçoando. Minha mulher trabalhava no comércio e abandonou o emprego para cuidar da casa. Como meus pais, tivemos 12 filhos, dos quais nove sobreviveram. Entrei no curso de economia em 1957, outra vez aproveitando uma bolsa do Senac. Na década de 1960, fiz um curso de planejamento e como vereador ajudei a aprovar projetos dos pre-



Tive uma vida de dificuldades, mas fui superando tudo e aos 17 anos já tinha minha autonomia financeira. Durante 30 anos, consertar aparelhos de famílias importantes foi o meu ganha-pão."



Com seis ou sete anos já comecei a me preocupar com as coisas da cidade, e desde então evitei citar seu nome, porque ele faz referência a Floriano Peixoto, o homem que fuzilou na ilha de Anhatomirim, em 1894, os líderes catarinenses.”

feitos Osmar Cunha e Dib Cherem.

Em 1962, fiz um concurso e fui escolhido para a vaga de professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e ali fiquei até 1992. O salário era bom, tanto que comprei um terreno de 78 mil metros quadrados no Ribeirão da Ilha, onde estão o museu e meu acervo de livros. Cheguei a ter três carros, quando a maioria das famílias tinha no máximo um. Também estudei em São Paulo e em Porto Alegre, onde fiz parte da equipe que implantou o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo-Sul).

O senhor conheceu o Ribeirão da Ilha num momento bem diferente do atual. O que recorda dos velhos tempos?

O Ribeirão era um fim de mundo, sem energia e estradas, um lugar de pesca e roça. Hoje, ao contrário, é um modelo de organização comunitária. Lá, eu criava galinhas e perus e cheguei a vender 500 aves por mês. O filho mais velho era o motorista que entregava as galinhas numa Kombi em vários pontos da cidade e do Estado.

Sua família tem origens açorianas, daí o seu apego ao estudo do legado dos imigrantes na região. Fale um pouco sobre essas raízes.

Meu pai era do Saco Grande, atual bairro João Paulo. Os avós traziam produtos de carroça do interior da Ilha até o Mercado Público. Meu pentavô paterno, João Cipriano Pereira, bi-

savô do meu bisavô, chegou aqui em 1748 na primeira leva dos imigrantes que vieram para Santa Catarina. A avó materna morava perto da fortaleza de São José da Ponta Grossa, e minha mãe era filha de uma professora que trabalhou em Porto União e São Bento do Sul. Ela começou a namorar meu pai lá. Depois de casados, eles se mudaram para a Ilha, fixando-se na rua Major Costa, em uma casa de 1921 que foi tombada e existe até hoje.

A principal diversão daquele tempo era frequentar as festas religiosas, como as do Divino Espírito Santo, da Laranja (na Trindade) e de Nossa Senhora do Rosário, no Centro. As festas do Divino e de Reis fazem parte da história, da cultura e da religiosidade dos açorianos e dos catarinenses. Quando fui aos Açores pela primeira vez, em 1979, lá ninguém conhecia Santa Catarina.

Com mais dois irmãos, fiz apresentações de boi de mamão (na época, boi de pano ou boi falso), que a polícia reprimia por considerar um folgado de “malandros” que não queriam ir para a escola.

Alguns de seus livros buscam as origens da ocupação europeia no Estado, nas primeiras décadas do século 16...

Sim, desde que foi dado o nome de Santa Catarina a esta parte do território, em 1526. O lugar que hoje se chama Tapera era Calacanga-Mirim e foi visitado pelo navegador Sebastião Caboto. Existe uma polêmica quanto à origem do nome, mas

ARQUIVO PESSOAL/AND



Réplica de casa açoriana típica do Ribeirão da Ilha, onde Nereu criou um museu que ajuda a contar a história da cidade

não há comprovação de que ele foi dado em homenagem à mulher de Caboto, Catarina Medrano. Ambos eram aventureiros de origem inglesa a serviço da coroa espanhola.

É da natureza humana querer entender a própria história. Acho que ninguém conhece mais a Ilha de Santa Catarina do que eu. Um dos meus livros fala dos 1.800 nomes de lugares e logradouros da cidade. Até hoje não sei como consegui juntar tanta coisa – na casa do Ribeirão da Ilha tenho 28 gavetas com tudo o que reuni ao longo desses anos.

Historiadores têm levantado a questão da releitura do episódio do Contestado, dizendo que ainda há muito a dizer sobre o conflito e que ele ainda não acabou, pelas sequelas que deixou nos catarinenses. O que pensa sobre isso?

As discussões sobre o Contestado são mero saudosismo. Na minha leitura, não há nada a ser retificada. A questão envolvia uma polêmica de fronteiras com o Paraná,

que ficou com uma área que era de Santa Catarina até 1914, quando foi assinado o tratado de limites.

O senhor foi acusado de ter participado do incêndio da livraria Anita Garibaldi, do escritor Salim Miguel, em 1964. O que tem a dizer sobre o episódio?

Acho que foi um equívoco histórico que podia ter sido evitado, mas a livraria era um centro de difusão de ideias marxistas, contra os interesses do Brasil. O comunismo merecia nossa repulsa. Éramos estudantes membros da Juventude Operária Católica e dávamos aulas de catequese. Foi escrito um manifesto anticomunista, e eu participei para fazer discursos antes do ataque à livraria, onde se reuniam pessoas que defendiam as teorias ditatoriais de esquerda. Comecei o discurso, para criar o ambiente, e um colega nosso, ex-comunista, deu início ao incêndio dos livros. São embates políticos e ideológicos que deixam marcas, mas que não duram a vida toda. No entanto, eu faria tudo de novo.



Cheguei a ter três carros, quando a maioria das famílias tinha no máximo um. Também estudei em São Paulo e em Porto Alegre, onde fiz parte da equipe que implantou o BRDE.”



Vale Pereira com parte da família em seu aniversário de 90 anos, em 2018



Historiador no EcoMuseu do Ribeirão da Ilha, que criou em 1971

Notícias do Dia

Capa e Cidade

“Manezinhos falam sobre a relação com as tradições e memórias da cidade”

Manezinhos falam sobre a relação com as tradições e memórias da cidade / Dia do Manezinho / Udesc / Universidade do Estado de Santa Catarina / Felipe Neis Araújo / Doutor em Antropologia Social / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina





LEO MINOZZINI

Ator e diretor de Teatro, Renato Turnes nasceu no Estreito e mantém os laços com a Capital bem apertados

Manezinhos falam sobre a relação com *as tradições e memórias da cidade*

Nascido, criado ou adotado por Florianópolis, quem é mané leva os costumes locais para todo o mundo; cidade celebra neste sábado o Dia do Manezinho

Windson Prado
windson.prado@ndmais.com.br

Comemorado no primeiro sábado de junho, o Dia do Manezinho foi instituído em 2005 para homenagear as pessoas que nasceram em Florianópolis ou mesmo adotaram a cidade para viver e incorporaram as tradições da capital catarinense. A equipe do projeto Floripa 350 foi atrás de alguns personagens que tiveram sua formação social e intelectual em Florianópolis e hoje levam o nome da cidade aos quatro cantos do mundo. São os manezinhos tipo exportação.

É difícil falar dos talentos manezinhos voltados às artes cênicas e não lembrar do ator e diretor de teatro e cinema, roteirista e documentarista,

Renato Turnes. Aos 44 anos, o filho de Florianópolis retornou no mês passado de mais uma turnê de 30 dias no Rio de Janeiro, onde apresentou o espetáculo e documentário "Homens Pink", antes ele passou por vários teatros de São Paulo com a peça.

Turnes sempre viveu na Capital, se criou, como dizem por aí, nas ruas do bairro Estreito. Teve como colegas artistas importantes que hoje despontam no Cena 11 e a cantora Deborah Blando – que apesar de ser italiana foi criada na Ilha da Magia.

O ator cursou artes cênicas na Udesc e se formou em 2001. Indo na contramão de muitos de sua turma, Renato Turnes resolveu ficar na Ilha de Santa Catarina para aqui desenvolver sua carreira e fomentar a cultura da Capital. "Quan-

do me fornei surgiram oportunidades para eu ir para fora, mas decidi ficar e entendi que aqui podia desenvolver e produzir meu profissional, e, então, levar minha arte à outras cidades, tem dado certo", conta. "Sempre fui um apaixonado por Florianópolis", reforça.

Para ele, Florianópolis influencia sua vida e criação. "Muito do que sou hoje, da minha arte, é reflexo desta cidade. Acho que a gente carrega a cidade em que é criado dentro da gente. Muitas coisas que eu faço são fruto do ambiente que me desenvolveu, da nossa natureza e, é claro, dos problemas", pondera.

Leia mais nas páginas 16 e 17

"Florianópolis é a base de que sou hoje", diz designer

Lui Iarocheski, 33 anos, é um expoente da moda. Formado pela Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina), o paranaense de São Miguel do Iguçu chegou à capital dos catarinenses em 2009 e se considera um manezinho de coração. Ele é referência internacional quando o assunto é moda sustentável e tecnológica. Atualmente, Lui vive na cidade do Porto, em Portugal, onde atua como vice-presidente de marketing de uma empresa de tecnologia que oferece soluções para a indústria da moda. "Vim para estudar relações internacionais. Fiz dois anos, mas acabei conhecendo a graduação em moda da Udesc. Percebi que ali poderia desenvolver melhor minhas aptidões. Foi então que me encontrei profissionalmente e pessoalmente", conta.

O destaque internacional do design se deu ainda na graduação, quando em seu projeto de conclusão de curso apresentou uma coleção inspirada em Hélio Oiticica – artista plástico brasileiro do modernismo. "Já tinha feito um estudo na Suécia. Mas, de fato, após esta coleção de conclusão de curso foi que consegui visibilidade. A partir daí, surgiram convites para eu apresentar o trabalho em Viena, na Áustria, na Vancouver Fashion Week, a semana de moda da cidade do Canadá, e na Casa dos Criadores, em São Paulo", lembra.

O trabalho de Iarocheski chamou a atenção dos profissionais da moda, devido à pegada sustentável e tecnológica. De volta à Ilha, Lui criou duas marcas, sempre atentas às questões sociais e ecológicas, símbolo maior do manezinho de coração. "Quando estava em Florianópolis, fiz questão de atuar com um projeto social de formação de novos profissionais da moda. Hoje muitas de nossas costureiras se tornaram especialistas e ensinam o ofício à comunidade", diz.

Lui resume o espírito manezinho: "Florianópolis é a base do que sou hoje".



ANDRÉ LOPES

Lui Iarocheski adotou Florianópolis

Formado na UFSC, professor e pesquisador nos Estados Unidos

Foi no Centro de Florianópolis, na Maternidade Carmela Dutra, que nasceu um dos principais estudiosos de criminologia de Florianópolis, Felipe Neis Araújo, 37 anos. O historiador e doutor em antropologia social pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) leva o conhecimento adquirido na Ilha da Magia e nas viagens de estudo ao redor do mundo atualmente aos alunos da Universidade de Manchester, nos Estados Unidos. É lá que ele leciona e pesquisa sobre o tema e as questões relacionadas às ciências sociais, formação do estado, violência estatal, cidadania e pertencimento, políticas de drogas, crime e justiça.

Araújo cresceu no Continente, no bairro Capoeiras, na mesma casa em que sua avó e sua mãe foram criadas. Para ele, os contrastes de Florianópolis, sobretudo nas questões sociais, foram fundamentais em sua formação social e profissional. “Crescer em Floripa foi interessante. Na minha experiência fui percebendo uma série de desigualdades

sociais e raciais que ainda existem em Florianópolis. Este cenário orientou meu olhar para às relações políticas sociológicas não só na cidade, mas também como no Brasil e no mundo”, pontua o estudioso.

Ele destaca a importância da universidade federal em sua formação. “Ter passado por uma universidade tão importante como a UFSC me permitiu criar uma rede de interlocutores e acessar uma estrutura de ensino sólida, que me proporcionou estudar as questões de desigualdades e de injustiça. Não sou uma pessoa baírrista ou nacionalista, mas o que eu costumo trazer de Florianópolis é a referência de que ela é uma das capitais mais desiguais do Brasil em questões raciais e sociais”, aponta. “Apesar de existir um retrato da cidade como um paraíso, não são todos que podem acessar estas coisas paradisíacas que Floripa oferece. Por isso, é preciso tomar cuidado com as representações da cidade que se é vendida”, sobressalta o professor que já atuou na Universidade da Libéria, em Monrovia.



Historiador Felipe Neis Araújo é professor da Universidade de Manchester

Das ladeiras para o Cirque du Soleil

Do bairro Sacos dos Limões, em Florianópolis, para os palcos do Cirque du Soleil armados em mais de 30 países espalhados pela Terra. Os talentos dos manezinhos estão por toda parte, e em um dos principais circos do mundo não poderia ser diferente. É lá que brilha o ator Marcelo Perna, 54 anos.

O artista é formado pela Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) em artes cênicas. “Nasci aqui, passei a infância entre Blumenau e Floripa. Na adolescência me fixei na Capital. Sou filho da Ilha da Magia e muito do que sou hoje, do meu aprendizado, da minha formação enquanto indivíduo, vem desta terra”, comenta.

As vésperas de completar 40 anos de carreira, o ator florianopolitano renovou esta semana contrato como Cirque du Soleil. Lá ele deve seguir atuando com White Clown, o

Palhaço Branco. “Além desta personagem, também sou o backup do ator principal que faz o Mauro no espetáculo ‘Corteu’. Uma vez por semana, sou eu quem assume o protagonismo”, destaca.

Mesmo rodando o mundo, passando por várias culturas e países, Marcelo Perna fez questão de continuar morando em Florianópolis. “Amo esta cidade. Sou manezinho, sabe como é. Aqui escolhi me fixar e cuidar da minha família. Temos muitos problemas na cidade, isso é um fato, essencialmente com a falta de incentivo às políticas públicas relacionadas à cultura, mas acredito nesta Ilha, em nosso potencial. Acho que podemos trabalhar para o fortalecimento setor e, a partir daí, gerar renda, oportunidades e cultura a nossa gente”, finaliza o artista que também é fundador, interprete, presidente do conselho e diretor da Escola de Samba União da Ilha da Magia.



Marcelo Perna nasceu no bairro Saco dos Limões e hoje brilha no palco do maior circo do mundo

FLORIPA 350 - O projeto Floripa 350 é uma iniciativa do Grupo ND em comemoração ao aniversário de 350 anos de Florianópolis. Ao longo de dez meses, reportagens especiais sobre a cultura, o desenvolvimento e personalidades da cidade serão publicadas no jornal ND e no portal ND+ e exibidas na NDTV.

Notícias do Dia

Fabio Gadotti

“HERBÍVOROS”

Herbívoros / 11^o International Symposium on the Nutrition of Herbivores / Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho / Secretário de Relações Internacionais / UFRGS / UFSC

HERBÍVOROS

Considerado o maior evento internacional sobre o assunto, o International Symposium on the Nutrition of Herbivores será realizado pela primeira vez na América do Sul. O evento, que ocorrerá de segunda (4) a quinta-feira (8), no Costão do Santinho Resort, em Florianópolis, é organizado em parceria entre as universidades UFSC e UFRGS.

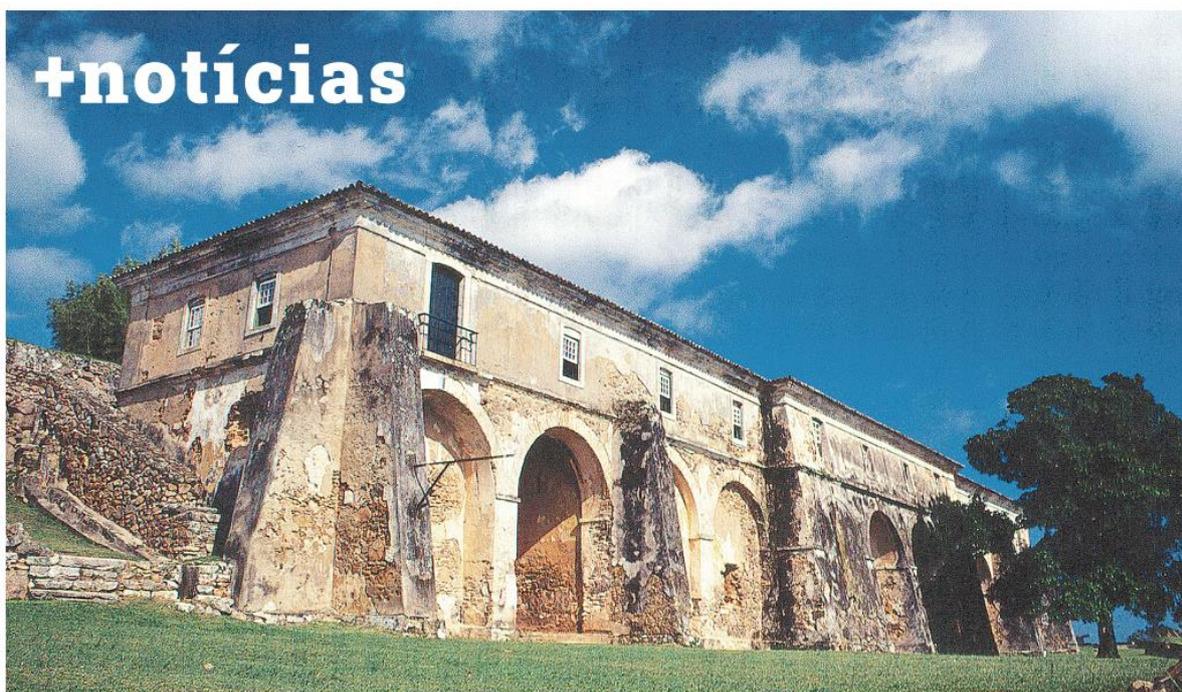
Serão abordados temas como a ecologia nutricional e o papel dos herbívoros no contexto de segurança alimentar e mudanças climáticas. O coordenador local da 11^a edição é o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, secretário de Relações Internacionais da UFSC e um dos maiores especialistas brasileiros em bem-estar animal e criação animal agroecológica.

Notícias do Dia

+ Notícias

“DOMINGO É DIA DE PASSEIO GRATUITO NAS FORTALEZAS”

Domingo é dia de passeio gratuito nas fortalezas / IFSC / Instituto Federal de Santa Catarina / Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim / Fortaleza de Santo Antônio de Ratoles / Fortaleza de São José da Ponta Grossa / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



DOMINGO É DIA DE PASSEIO GRATUITO NAS FORTALEZAS – As fortalezas de Santa Cruz de Anhatomirim (foto), Santo Antônio de Ratoles e São José da Ponta Grossa estarão com acesso gratuito neste domingo, no Dia de Gratuidade promovido pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que administra as três fortificações. Além da isenção para toda a comunidade, haverá guiamento gratuito dos visitantes feito por estudantes do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) na Fortaleza de São José da Ponta Grossa, na Praia do Forte. A fortaleza abre às 8h30, o guiamento inicia às 10h. O Dia de Gratuidade foi instituído em 2017, promovido sempre no primeiro domingo de cada mês de março a novembro, visa facilitar a visita para a comunidade, além de incentivar o contato com a história local. A UFSC, no entanto, não é responsável pelo traslado de barco para visita às fortalezas que ficam em ilhas (Santa Cruz de Anhatomirim e Santo Antônio de Ratoles). A Fortaleza de São José da Ponta Grossa tem acesso por terra.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

03/06/2023

[A Venezuela é \(quase!\) aqui... Lula se associa a este monstro latino-americano](#)

[Abóbora, milho verde e girassol: formanda da UFSC tranforma terreno baldio em agrofloresta](#)

[Ana Paula Lima indica o ex-reitor da UFSC Luiz Cancellier ao Prêmio Darcy Ribeiro](#)
[Audiência sobre novos cursos reúne cerca de 80 pessoas na Câmara de Vereadores de Blumenau](#)

[BR XV, o Campeonato Brasileiro de Seleções Regionais de Rugby XV, conheceu seus semifinalistas](#)

[Como criar robalo? Espécie cresce em água doce e salgada](#)

[Conheça 'manezinhos tipo exportação' que levam o nome de Florianópolis para o mundo](#)

[Curso Enem Gratuito lança turmas de semiextensivo na segunda \(5\)](#)

['Melhor do mundo': como a cachaça de Luiz Alves passou de tesouro familiar para pilar econômico](#)

[Mossoroense que lapidou canções junto com Belchior lança livro de cancionero em Natal](#)

[MPMS e ESMP-MS realizam "Seminário de Prática em Direito Civil: Família e Sucessões"](#)

[Paraná forma primeira turma de médicos para atuar com acupuntura no SUS](#)

[Paraná forma primeira turma de médicos para atuar com acupuntura no SUS](#)

[Pós-Graduação em Bioquímica da UFSC está com inscrições abertas para Mestrado](#)

[Posse de Otmar Müller na SCGás será dia 5 de junho](#)

[**Racismo anti-indígena e a nova faceta do agrogolpe: o pacto narcísico da branquitude 'aliada'**](#)

[**Semana de 4 dias de trabalho: um ano após adotar modelo, profissionais e executivos brasileiros dizem que produtividade aumentou**](#)

[**Semana de 4 dias de trabalho: um ano após adotar modelo, profissionais e executivos brasileiros dizem que produtividade aumentou**](#)

04/06/2023

[**CineBuñuel exhibe gratuitamente longa-metragem espanhol 'O Bom Patrão'**](#)

[**Conheça as 4 cobras peçonhentas típicas de SC que podem 'parar o seu cérebro'**](#)

[**"É por Feira de Santana que atuo em prol da justiça racial e de gênero", diz a Dra. em direito Karine Souza**](#)

[**Estudo investiga diferentes fases de material semicondutor de baixo custo**](#)

[**Lagartixa: Conheça a pequena 'guardiã' das casas**](#)

[**Megaestrada que liga o Brasil ao Chile se transforma na rota do desenvolvimento de MS**](#)

[**Megaestrada que liga o Brasil ao Chile se transforma na rota do desenvolvimento de MS**](#)

[**Na transformação digital e na inovação a oportunidade de impulsionar negócios**](#)

[**'Ninguém conhece mais a Ilha do que eu': Nereu Pereira, a 'memória viva' de Florianópolis**](#)

[**Paraná forma primeira turma de médicos para atuar com acupuntura pelo SUS**](#)